



LIÇÃO 13 - PREPARANDO O CORPO, A ALMA E O ESPÍRITO PARA A ETERNIDADE

Uma Teologia da Santificação Integral à Luz da Escatologia Cristã

TEMA CENTRAL E ÊNFASE ESCATOLÓGICA

A santificação cristã, quando corretamente compreendida, não pode ser dissociada da escatologia bíblica. Desde o Novo Testamento, a vida santa é apresentada não apenas como resposta ética à graça, mas como preparação objetiva para o encontro definitivo com Deus. O apóstolo Paulo expressa essa verdade de forma magistral em 1 Tessalonicenses 5.23, ao afirmar que o próprio Deus da paz santifica o crente “em tudo”, preservando espírito, alma e corpo irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. A estrutura do texto revela uma orientação escatológica clara: a santificação não se esgota no presente, mas aponta para a *Parousia*.

Essa visão integral rompe com leituras reducionistas da fé cristã. A Escritura não trata o homem como um ser fragmentado, mas como uma unidade viva criada por Deus. Em Gênesis 2.7, o homem surge da junção entre matéria e sopro divino, tornando-se uma *nephesh hayyah* — uma alma vivente. João Calvino observa que “o homem não é uma alma aprisionada num corpo, mas uma criatura total chamada a glorificar a Deus em todas as suas dimensões” (*Institutas*, I.15). Assim, qualquer proposta de santificação que ignore o corpo ou a vida concreta trai o testemunho bíblico.

A eternidade, nesse contexto, não é uma metáfora espiritualizada nem um símbolo psicológico. Jesus apresenta a promessa da vida eterna como realidade objetiva e pessoal: “Vou preparar-vos lugar” (Jo 14.1–3). Oscar Cullmann ressalta que a esperança cristã não é a imortalidade da alma, mas a ressurreição do corpo e a vida no mundo vindouro, fundamentada na vitória histórica de Cristo sobre a morte (*Cristo e o Tempo*). Essa convicção molda a ética cristã, pois, como afirma Pedro, “que pessoas não deveis ser em santo procedimento e piedade” diante da expectativa dos novos céus e da nova terra (2 Pe 3.11).

No contexto pentecostal assembleiano, essa verdade sempre foi enfatizada por meio da doutrina da iminência da volta de Cristo. A expectativa do retorno do Senhor funciona como força purificadora da Igreja, chamando-a à vigilância, à sobriedade e à separação

“Onde há estudo, nasce a sabedoria; onde há sabedoria, nasce a mudança.”



do pecado. Myer Pearlman afirmava que “a esperança da vinda de Cristo não é um detalhe da fé, mas o eixo em torno do qual gira a vida cristã” (*Conhecendo as Doutrinas da Bíblia*). Assim, a escatologia não é apêndice da teologia, mas seu horizonte final e regulador.

TEXTO ÁUREO – A CIDADANIA CELESTIAL COMO IDENTIDADE ESCATOLÓGICA

Ao declarar que “a nossa cidade está nos céus”, Paulo introduz uma das mais profundas categorias identitárias do Novo Testamento. O termo *politeuma* não se refere apenas a um destino futuro, mas a uma condição presente de pertencimento. O cristão vive no mundo, mas não é definido por ele. Herman Ridderbos observa que, para Paulo, “a escatologia não apenas promete o futuro, mas redefine radicalmente o presente” (*Paulo: Um Esboço de Sua Teologia*).

Essa cidadania celestial estabelece um contraste irreconciliável entre o sistema terreno e a realidade eterna. Hebreus 11 descreve os heróis da fé como peregrinos conscientes de que a terra não era seu lar definitivo. Agostinho, em *A Cidade de Deus*, desenvolve essa tensão ao afirmar que existem duas cidades construídas por dois amores: a cidade terrena, edificada pelo amor de si até o desprezo de Deus, e a Cidade de Deus, edificada pelo amor de Deus até o desprezo de si. Essa distinção não conduz ao escapismo, mas à fidelidade no tempo presente.

A esperança futura, longe de alienar o cristão, orienta sua prática diária. Paulo exorta os crentes a buscarem as coisas do alto (Cl 3.1–4), não como fuga do mundo, mas como reorganização de valores. Karl Barth afirmava que “a ética cristã nasce do futuro de Deus que já irrompeu no presente” (*Dogmática Eclesiástica*). Por isso, a escatologia paulina é eminentemente prática, convocando o crente a abandonar as obras das trevas e a revestir-se de Cristo (Rm 13.11–14).

VERDADE PRÁTICA – A REDENÇÃO INTEGRAL DO SER HUMANO

A obra redentora de Cristo possui alcance cósmico e antropológico. Paulo declara que a criação geme aguardando a redenção do corpo (Rm 8.23), demonstrando que a salvação não se limita à alma, mas envolve a restauração plena da humanidade. Jürgen

“Onde há estudo, nasce a sabedoria; onde há sabedoria, nasce a mudança.”



Moltmann observa que “a esperança cristã não é a libertação da criação, mas a libertação da criação para sua glória futura” (*Teologia da Esperança*).

A glorificação futura fundamenta a santificação presente. João afirma que a certeza de sermos semelhantes a Cristo no porvir leva o crente a purificar-se agora (1 Jo 3.2–3). A ressurreição não anula a identidade corporal, mas a transforma. Paulo descreve essa continuidade transformada em 1 Coríntios 15, rejeitando qualquer desprezo pela matéria. Irineu de Lyon combatia o gnosticismo afirmando que “aquilo que não é assumido não é redimido”, defendendo a redenção do corpo como expressão da fidelidade criadora de Deus (*Contra as Heresias*).

Por isso, o corpo é apresentado como templo do Espírito Santo e instrumento de justiça (1 Co 6.19–20). Essa compreensão elimina o dualismo espiritualista e impõe uma ética concreta, na qual o viver santo envolve hábitos, escolhas, relacionamentos e disciplina espiritual.

INTRODUÇÃO ANTROPOLÓGICA — O HOMEM À LUZ DA CRIAÇÃO, QUEDA E CONSUMAÇÃO

A compreensão correta da santificação integral exige, antes de tudo, uma antropologia bíblica sólida. O relato de Gênesis 1.26–27 apresenta o homem como criação singular, feita à imagem e semelhança de Deus, portador de racionalidade, moralidade e espiritualidade. Essa imagem não é meramente funcional, mas ontológica, envolvendo todo o ser humano. A patrística, especialmente Irineu de Lyon, insistia que a imagem de Deus se expressa na totalidade do homem, e não apenas em sua alma racional. Para ele, a glória de Deus manifesta-se no homem plenamente vivo (*Contra as Heresias*, IV.20.7).

A Escritura revela uma unidade tricotômica funcional, conforme explicitado em 1 Tessalonicenses 5.23. Espírito, alma e corpo não são compartimentos isolados, mas dimensões interdependentes de uma única pessoa. Hebreus 4.12 demonstra que a Palavra de Deus distingue essas dimensões sem dividi-las, revelando a profundidade da ação divina sobre todo o ser. Watchman Nee, embora não assembleiano, contribuiu para a reflexão tricotômica ao afirmar que “o erro não está em distinguir espírito, alma e corpo, mas em separá-los artificialmente” (*O Homem Espiritual*).

“Onde há estudo, nasce a sabedoria; onde há sabedoria, nasce a mudança.”



A queda, conforme Romanos 5.12, afetou o homem em sua totalidade. O pecado não corrompeu apenas a dimensão espiritual, mas introduziu desordem nos afetos, na razão e no corpo. Agostinho descreve essa condição como *curvatus in se*, o homem encurvado sobre si mesmo, incapaz de orientar-se corretamente para Deus sem a graça restauradora. Assim, qualquer proposta de redenção parcial revela-se insuficiente diante da extensão do dano causado pelo pecado.

Em Cristo, porém, a redenção assume caráter restaurador e escatológico. “Mas fostes lavados, santificados e justificados” (1 Co 6.11) indica uma obra que já começou, mas que caminha para sua consumação final. A escatologia bíblica, culminando em Apocalipse 21.1–4, apresenta não a aniquilação da criação, mas sua renovação. O homem redimido habitará eternamente em um estado de comunhão plena, onde espírito, alma e corpo estarão perfeitamente harmonizados sob o senhorio de Cristo.

SANTIFICAÇÃO E ETERNIDADE — A VIDA SANTA COMO ANTECIPAÇÃO DO PORVIR

A santidade, no testemunho bíblico, nunca é apresentada como mero moralismo religioso, mas como requisito indispensável para a comunhão escatológica com Deus. “Segui a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor” (Hb 12.14) estabelece uma conexão direta entre vida santa e destino eterno. Essa afirmação não aponta para salvação por obras, mas para a evidência concreta de uma fé viva e transformadora.

A santificação cristã possui caráter progressivo e teleológico. Filipenses 1.6 assegura que aquele que começou a boa obra a aperfeiçoará até o Dia de Cristo Jesus. O futuro invade o presente, moldando a conduta do crente. Atanásio de Alexandria, ao tratar da encarnação, afirmou que o Filho de Deus se fez homem para que o homem pudesse participar da vida divina. Essa participação não é ontológica no sentido panteísta, mas relacional e ética, refletida em uma vida conformada à vontade de Deus.

O chamado à separação do pecado, conforme 1 Pedro 1.15–16, não é isolamento social, mas distinção espiritual. A Igreja vive no mundo, mas como sinal do Reino vindouro. John Wesley, cuja doutrina da santificação influenciou profundamente o pentecostalismo, afirmava que “a santidade é a recuperação da imagem moral de Deus no homem”. Assim, a santificação torna-se vocação escatológica, preparando o crente para a plena comunhão futura.

O ALVO CELESTIAL — REDIRECIONANDO A VIDA PARA O PROPÓSITO ETERNO

“Onde há estudo, nasce a sabedoria; onde há sabedoria, nasce a mudança.”



A Escritura descreve o pecado como desvio de rota: “Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas” (Is 53.6). A nova vida em Cristo não consiste apenas no perdão dos pecados, mas na redefinição completa das prioridades humanas. Jesus ensina que o Reino de Deus deve ocupar o lugar central da existência (Mt 6.33), deslocando o foco da vida meramente terrena para a realidade eterna.

Paulo afirma que a esperança do cristão está “guardada nos céus” (Cl 1.5), conferindo estabilidade espiritual diante das incertezas do mundo. Essa esperança não é incerta nem subjetiva, mas fundamentada na fidelidade de Deus às suas promessas (Hb 10.23). A teologia pentecostal clássica sempre entendeu essa esperança como força motivadora da santificação e da missão.

O apóstolo convida os crentes a viverem à luz do invisível, pois “as coisas que se veem são temporais, e as que não se veem são eternas” (2 Co 4.18). Essa perspectiva não diminui o valor da vida presente, mas a relativiza à luz da glória futura. Como afirmou A. W. Tozer, “somente o que é feito com os olhos na eternidade possui valor permanente”.

A ESTRATÉGIA DO ENGANO — ATAQUES À ESPERANÇA ESCATOLÓGICA

Desde o Éden, Satanás atua obscurecendo a mente humana para desviar o homem do propósito eterno. Paulo declara que o deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos (2 Co 4.4), promovendo uma visão limitada e imediatista da realidade. Em Gênesis 3.5, a promessa de autonomia divina inaugura a ilusão de que o homem pode encontrar plenitude fora da obediência a Deus.

O materialismo, denunciado por Jesus em Lucas 12.15–21, constitui uma das formas mais eficazes desse engano. Quando a vida é reduzida à acumulação de bens, perde-se a perspectiva da eternidade. Por isso, a vigilância doutrinária torna-se imperativa (1 Tm 4.16). Judas exorta os crentes a se conservarem no amor de Deus, aguardando a misericórdia de Cristo para a vida eterna (Jd 21).

OPOSIÇÕES À VISÃO CELESTIAL — O CONFLITO ENTRE O REINO DE DEUS E OS REINOS DESTE MUNDO

A história da redenção revela que a visão celestial sempre enfrentou resistência. O próprio Cristo, ao iniciar seu ministério, foi confrontado com a tentação de substituir o caminho da cruz por uma glória imediata e terrena. Em Mateus 4.8–10, Satanás oferece

“Onde há estudo, nasce a sabedoria; onde há sabedoria, nasce a mudança.”



os reinos do mundo como alternativa ao sofrimento redentor, propondo um messianismo desvinculado da obediência ao Pai. Jesus rejeita a oferta não apenas como tentação pessoal, mas como distorção escatológica: o Reino que Ele inaugura não procede deste mundo nem se estabelece pelos métodos deste mundo.

Essa mesma tensão reaparece ao longo do ministério de Jesus. Diante de Pilatos, o Senhor declara que seu Reino não é deste mundo (Jo 18.36), não no sentido de ausência de impacto histórico, mas de origem, natureza e finalidade. A patrística reconheceu nessa afirmação uma chave hermenêutica para compreender a missão da Igreja. Orígenes advertia que sempre que a fé cristã se confunde com projetos de poder terreno, perde-se o caráter profético do Evangelho (Contra Celso).

A expectativa messiânica distorcida também se manifesta em Lucas 19.11, quando muitos supunham que o Reino de Deus se manifestaria imediatamente em forma política. Jesus responde com a parábola das minas, ensinando que há um intervalo entre a partida do Rei e seu retorno glorioso. Esse intervalo é o tempo da missão, não da acomodação nem da dominação cultural. Atos 1.8 reforça que a vocação da Igreja é espiritual e testemunhal, capacitada pelo Espírito Santo, enquanto aguarda o cumprimento escatológico final.

A epístola aos Hebreus afirma que os crentes “não têm aqui cidade permanente, mas buscam a futura” (Hb 13.14). Essa consciência peregrina preserva a Igreja de absolutizar estruturas temporais e mantém viva a esperança escatológica. Como observou Stanley Horton, “a Igreja que perde a expectativa da volta de Cristo rapidamente perde também sua separação espiritual” (Teologia Sistemática – Uma Perspectiva Pentecostal).

A NEGAÇÃO DA RESSURREIÇÃO — UM ATAQUE AO CORAÇÃO DA FÉ CRISTÃ

Entre as mais graves distorções enfrentadas pela Igreja primitiva estava a negação da ressurreição corporal. Em Corinto, influências filosóficas gregas, especialmente o dualismo platônico, levaram alguns a aceitarem uma espiritualidade sem corpo. Paulo reage com veemência em 1 Coríntios 15, demonstrando que a ressurreição não é doutrina periférica, mas fundamento da fé cristã. “Se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa fé” (1 Co 15.17).

A ressurreição de Cristo constitui o evento inaugural da nova criação. Ele é as primícias dos que dormem (1 Co 15.20), garantindo que a vitória sobre a morte não é simbólica, mas histórica e futura. N. T. Wright afirma que “a esperança cristã não é escapar do

“Onde há estudo, nasce a sabedoria; onde há sabedoria, nasce a mudança.”



mundo, mas a transformação do mundo pela ressurreição”. A ética cristã, portanto, encontra na ressurreição sua motivação última: “sede firmes e constantes, sempre abundantes na obra do Senhor” (1 Co 15.58).

A patrística foi unânime na defesa da ressurreição literal. Tertuliano escreveu extensamente contra os gnósticos, afirmando que “a carne é o eixo da salvação” (De Resurrectione Carnis). Para ele, negar a ressurreição do corpo implicava negar tanto a encarnação quanto a justiça final de Deus. A tradição assembleiana, fiel a essa herança, reafirma que a esperança cristã culmina na ressurreição dos mortos e na glorificação dos santos.

INIMIGOS DA CRUZ — QUANDO O PRESENTE SUPLANTA O FUTURO

Paulo lamenta, em Filipenses 3.18–19, a existência de pessoas que se dizem cristãs, mas vivem como inimigas da cruz de Cristo. O diagnóstico apostólico é contundente: vivem segundo os apetites, gloriam-se no que deveria causar vergonha e fixam sua mente nas coisas terrenas. Trata-se de uma espiritualidade que rejeita o caminho da renúncia e substitui a esperança futura pelo prazer imediato.

A cruz, porém, é o centro da experiência cristã. Em Gálatas 5.24, Paulo afirma que os que pertencem a Cristo crucificaram a carne com suas paixões e desejos. Essa linguagem não é metafórica apenas, mas prática e ética. Dietrich Bonhoeffer, em Discipulado, advertiu que “quando Cristo chama um homem, chama-o para morrer”. A cruz, portanto, não é símbolo de derrota, mas de transformação.

A glória futura relativiza a glória presente. Romanos 8.18 declara que os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória que há de ser revelada. Essa convicção sustenta a santificação como resistência espiritual (1 Pe 2.11), capacitando o crente a viver contra a corrente de um mundo que absolutiza o agora.

CIDADANIA CELESTIAL — RESSURREIÇÃO, GLORIFICAÇÃO E ESPERANÇA CONCRETA

A cidadania celestial, conforme Filipenses 3.20–21, culmina na transformação do corpo abatido em conformidade com o corpo glorioso de Cristo. A promessa não é a substituição do corpo, mas sua transfiguração. João afirma que “seremos semelhantes a Ele” (1 Jo 3.2), preservando identidade e continuidade pessoal.

“Onde há estudo, nasce a sabedoria; onde há sabedoria, nasce a mudança.”



Irineu de Lyon defendeu vigorosamente essa doutrina contra os hereges de sua época, afirmando que o mesmo corpo que participa da obediência também participará da glorificação. Para ele, a ressurreição confirma a fidelidade de Deus à sua criação original. Romanos 8.11 reforça que o Espírito que ressuscitou Jesus habita no crente como penhor da vida futura.

Essa esperança é concreta, histórica e coletiva. Não se trata de fuga individual para o céu, mas da restauração final do povo de Deus. A Igreja vive entre o “já” da salvação e o “ainda não” da glorificação, sustentada pela promessa infalível do Deus que não mente.

SINOPSE I — A ESPERANÇA COMO ÂNCORA DA SANTIFICAÇÃO

A esperança cristã é descrita como âncora da alma (Hb 6.19), conferindo estabilidade em meio às tempestades do mundo. João afirma que todo aquele que tem essa esperança purifica-se a si mesmo (1 Jo 3.3), demonstrando que a escatologia saudável produz santidade prática. A mente orientada para o que é eterno (Cl 3.2) permanece vigilante diante da iminente volta de Cristo (Mt 24.42).

A Igreja, assim, vive separada e expectante, não por desprezo ao mundo, mas por fidelidade ao Reino vindouro. Como ensinava Donald Gee, “o verdadeiro pentecostal vive com os olhos no céu e os pés firmes na missão”.

O CRISTIANISMO SECULARIZADO — QUANDO A IGREJA PERDE O SENSO DO SOBRENATURAL

Um dos maiores desafios enfrentados pela Igreja contemporânea é o processo de secularização interna, no qual a fé cristã passa a ser moldada mais pelos critérios do mundo do que pela revelação bíblica. Paulo adverte Timóteo acerca de homens que teriam “aparência de piedade, mas negariam o poder dela” (2 Tm 3.5). Essa descrição não aponta para ateísmo explícito, mas para uma religiosidade esvaziada do sobrenatural, da santidade e da expectativa escatológica.

O cristianismo secularizado tende a substituir a dependência do Espírito Santo por estratégias meramente humanas. Paulo, escrevendo aos coríntios, rejeita explicitamente a sabedoria persuasiva do discurso humano, afirmando que sua pregação consistia em demonstração do Espírito e de poder (1 Co 2.4–5). Quando a

“Onde há estudo, nasce a sabedoria; onde há sabedoria, nasce a mudança.”



Igreja abandona essa dependência, perde não apenas autoridade espiritual, mas também identidade.

Jesus comparou os dias que antecederam sua vinda aos dias de Noé e de Ló (Lc 17.26–30), períodos marcados por normalidade aparente, indiferença espiritual e ausência de discernimento. A patrística já percebia esse perigo. Cipriano de Cartago alertava que a acomodação da Igreja ao mundo sempre precede sua fraqueza espiritual. Para ele, a perseguição externa jamais foi tão nociva quanto a corrupção interna (De Lapsis).

O apóstolo adverte contra filosofias humanas que tentam reinterpretar a fé segundo categorias estranhas ao Evangelho (Cl 2.8). A tradição pentecostal assembleiana insiste que a preservação do sobrenatural — sinais, curas, libertações e dons espirituais — não é opcional, mas parte integrante da missão confiada por Cristo à sua Igreja (Mc 16.17–18). Onde há secularismo, há silêncio do poder; onde há poder, há expectativa da eternidade.

TEOLOGIA PÚBLICA — A TENTAÇÃO DE POLITIZAR A MISSÃO DA IGREJA

A chamada “teologia pública” surge, em muitos contextos, como tentativa de tornar a fé cristã relevante no espaço social e político. No entanto, quando essa proposta desloca o eixo da missão da Igreja, torna-se perigosa. Em João 6.15, Jesus recusa ser proclamado rei por aqueles que desejavam um messias político. Seu Reino não se estabelece por meios coercitivos, mas pela proclamação da verdade e pela conversão do coração.

Paulo ensina que as armas da nossa milícia não são carnais, mas poderosas em Deus para destruir fortalezas espirituais (2 Co 10.4–5). A Igreja não é chamada a dominar estruturas humanas, mas a confrontar o pecado e anunciar a reconciliação com Deus. Efésios 5.11 exorta os crentes a reprovarem as obras infrutíferas das trevas, não a administrá-las.

A centralidade da salvação sempre foi marca da pregação apostólica. “Aproveu a Deus salvar os crentes pela loucura da pregação” (1 Co 1.21). Karl Rahner observou que quando a Igreja perde sua dimensão escatológica, transforma-se em mera instituição ética. A escatologia, portanto, preserva a missão, lembrando que o objetivo final não é a reforma dos sistemas, mas a redenção das pessoas.

DISCURSO SEM PRÁTICA — A FÉ DESVINCULADA DA VIDA

“Onde há estudo, nasce a sabedoria; onde há sabedoria, nasce a mudança.”



Tiago denuncia com vigor uma fé meramente verbal, incapaz de produzir frutos visíveis (Tg 1.22; 2.17). O cristianismo que se limita ao discurso perde sua credibilidade diante do mundo e seu valor diante de Deus. A tradição apostólica sempre uniu doutrina correta e vida transformada, conforme ensina Paulo em 2 Tessalonicenses 2.15.

O pentecostalismo clássico nasceu dessa síntese entre experiência espiritual e ética prática. Atos 2.42–47 descreve uma comunidade marcada por doutrina, comunhão, oração e poder, mas também por partilha, testemunho e temor. Donald Dayton observa que o movimento pentecostal original era profundamente escatológico e, por isso mesmo, profundamente ético.

Paulo lembra aos coríntios que o Reino de Deus não consiste em palavras, mas em poder (1 Co 4.20). Esse poder se manifesta tanto nos dons espirituais quanto na transformação do caráter. Onde há separação entre fé professada e vida vivida, a esperança da volta de Cristo é enfraquecida.

A PERDA DA IMINÊNCIA — QUANDO A ESPERANÇA É ADIADA

Pedro já advertia que surgiriam escarnecedores questionando a promessa da vinda de Cristo (2 Pe 3.4). Quando a iminência é relativizada, a vigilância espiritual se enfraquece. Jesus alertou que o servo que diz em seu coração “meu senhor tarda em vir” começa a viver de modo negligente (Mt 24.48–49).

A esperança escatológica possui efeito purificador. João afirma que todo aquele que espera em Cristo purifica-se a si mesmo (1 Jo 3.3). A Igreja é chamada a viver como noiva preparada, aguardando o Esposo (Ap 19.7). A patrística entendia essa espera como disciplina espiritual. Hipólito de Roma exortava os cristãos a viverem diariamente como se Cristo retornasse naquele dia.

A vigilância e a oração constantes (Lc 21.36) mantêm a Igreja desperta em um mundo espiritualmente adormecido. A escatologia assembleiana insiste que a volta de Cristo não é um evento distante e abstrato, mas uma realidade iminente que molda a vida cristã cotidiana.

PROSPERIDADE E EXISTENCIALISMO — A REDUÇÃO DA ESPERANÇA AO AGORA

A teologia da prosperidade representa uma das expressões modernas da perda da esperança escatológica. Ao limitar a bênção de Deus às conquistas materiais, conduz

“Onde há estudo, nasce a sabedoria; onde há sabedoria, nasce a mudança.”



inevitavelmente à frustração espiritual. Paulo adverte que os que querem ser ricos caem em tentações e laços (1 Tm 6.9), desviando-se da fé.

A sabedoria bíblica reconhece que a esperança adiada entristece o coração (Pv 13.12). Quando a eternidade é retirada do horizonte, o sofrimento torna-se insuportável. Paulo, em 1 Coríntios 15.32, ironiza uma fé sem ressurreição: “Comamos e bebamos, porque amanhã morreremos”. Em contraste, ele afirma que as aflições presentes são leves e momentâneas quando comparadas com a glória eterna (2 Co 4.17).

Jesus ensina a acumular tesouros no céu (Mt 6.19–21), deslocando o centro da esperança cristã. A tradição assembleiana sempre rejeitou uma fé utilitarista, reafirmando que o maior bem prometido ao crente é a vida eterna com Deus.

AMILENISMO E ENGAJAMENTO CULTURAL — QUANDO A ESCATOLOGIA É SUBSTITUÍDA PELO OTIMISMO HISTÓRICO

Entre os desvios escatológicos que impactam diretamente a doutrina da santificação, destaca-se o amilenismo, especialmente quando associado a um forte engajamento cultural e político. Ao negar um Reino milenar literal e o arrebatamento iminente da Igreja, essa leitura tende a reinterpretar as promessas escatológicas como símbolos de progresso histórico ou triunfo cultural do cristianismo. Contudo, tal perspectiva encontra sérias dificuldades diante do testemunho bíblico.

Paulo ensina claramente que o Senhor mesmo descera do céu, e que os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro, seguido do arrebatamento dos santos vivos (1 Ts 4.16–17). Essa promessa não é alegórica, mas concreta e cronológica. O salmista já advertia contra a confiança excessiva nos sistemas humanos: “Não confieis em príncipes nem em filhos dos homens” (Sl 146.3). A Escritura aponta para a intervenção soberana de Deus na história, não para a redenção gradual das estruturas caídas.

A patrística primitiva, longe de ser majoritariamente amilenista, possuía forte expectativa quiliaste. Papias, Justino Mártir e Irineu aguardavam um Reino literal de Cristo na terra, precedido pela ressurreição dos justos. Irineu afirmava que “as promessas feitas aos patriarcas exigem um cumprimento real e histórico” (Contra as Heresias, V). A tradição assembleiana permanece alinhada a essa esperança pré-milenista, entendendo que a bem-aventurada esperança (Tt 2.13) não é o triunfo cultural da Igreja, mas a manifestação gloriosa de Cristo.

“Onde há estudo, nasce a sabedoria; onde há sabedoria, nasce a mudança.”



Essa escatologia preserva a prioridade da missão evangelística. Jesus ordenou que a Igreja fosse e pregasse o Evangelho a todas as nações (Mt 28.19), não que redimisse os sistemas do mundo. Onde a esperança futura é substituída pelo engajamento absoluto no presente, a santificação tende a perder seu caráter de separação e vigilância.

O CHAMADO AO ARREPENDIMENTO — PORTA DE ENTRADA DA SANTIFICAÇÃO

No coração da pregação apostólica encontra-se o chamado ao arrependimento. Pedro proclama: “Arrependei-vos e convertei-vos, para que sejam apagados os vossos pecados” (At 3.19). A santificação integral começa com essa ruptura radical com o pecado, que envolve mente, vontade e afetos. Não há santificação sem arrependimento, nem arrependimento verdadeiro sem transformação visível.

A conversão precede qualquer impacto social legítimo do Evangelho. Paulo afirma que a fé vem pelo ouvir, e o ouvir pela Palavra de Deus (Rm 10.13–15). A Igreja não é chamada a substituir a proclamação pela ação social, mas a fundamentar toda ação na mensagem da cruz. A urgência do tempo presente (2 Co 6.2) reforça o caráter escatológico da missão: hoje é o dia aceitável da salvação.

A imagem da Igreja como sentinela espiritual (Ez 33.7) destaca sua responsabilidade profética. O silêncio diante do pecado não é neutralidade, mas infidelidade. A santificação surge como fruto natural da conversão genuína, conduzindo o crente das trevas para a luz (At 26.18). John Stott observava que “a conversão bíblica envolve tanto uma mudança de direção quanto de destino”

SINOPSE II — OS EFEITOS DOS DESVIOS TEOLÓGICOS NA VIDA ESPIRITUAL

Desvios teológicos não são meros equívocos intelectuais; eles produzem consequências espirituais profundas. Paulo adverte contra a falsa humildade e o culto de anjos que afastam o crente da Cabeça, Cristo (Cl 2.18). Quando a doutrina é corrompida, o fervor espiritual se esfria, como ocorreu com a igreja de Éfeso, que perdeu o primeiro amor (Ap 2.4).

A negligência da santificação resulta em amargura espiritual (Hb 12.15), obscurecendo a esperança cristã. Jeremias descreve esse estado como perda da esperança e da paz (Lm 3.18). Por isso, a vigilância doutrinária é indispensável. Paulo exorta Timóteo a

“Onde há estudo, nasce a sabedoria; onde há sabedoria, nasce a mudança.”



guardar o depósito da fé (1 Tm 6.20), reconhecendo que a pureza da doutrina sustenta a vitalidade da vida cristã.

PRONTOS PARA O RETORNO — A SANTIFICAÇÃO À LUZ DA PAROUSIA

A santificação cristã encontra sua orientação final na Parousia. Em 1 Tessalonicenses 5.23, Paulo une inseparavelmente a obra santificadora de Deus à vinda de Cristo. A vida cristã pessoal e comunitária deve refletir essa expectativa (Ef 4.1–3). A parábola das dez virgens (Mt 25.13) ensina que a vigilância não é opcional, mas essencial.

A perseverança dos santos não repousa na força humana, mas na fidelidade divina. Judas afirma que Deus é poderoso para guardar os crentes de tropeçar (Jd 24). Contudo, essa segurança não elimina a responsabilidade. A fidelidade até a morte é coroada com a vida eterna (Ap 2.10). A escatologia bíblica sustenta a santificação como perseverança esperançosa.

DEVERES CRISTÃOS — A ÉTICA DA ESPERA

Enquanto aguarda o retorno de Cristo, o crente é chamado a viver de modo digno do Evangelho. Jesus ensina que a luz deve brilhar diante dos homens por meio das boas obras (Mt 5.16). A disciplina espiritual contínua (1 Tm 4.7–8) molda o caráter cristão, enquanto a separação do mal (2 Co 6.17) preserva a santidade.

A comunhão edificadora (Hb 10.24–25) fortalece a perseverança, e a santidade nas relações (Rm 12.10) manifesta o amor de Cristo. Richard Foster observa que as disciplinas espirituais são meios de graça que nos colocam diante de Deus para que Ele nos transforme (Celebration of Discipline).

A OBRA DIVINA NA SANTIFICAÇÃO — GRAÇA QUE OPERA ATÉ O FIM

A santificação é, em essência, obra de Deus. Paulo afirma que é Deus quem efetua em nós tanto o querer quanto o realizar (Fp 2.13). A graça que salva é a mesma que educa o crente a viver de modo santo (Tt 2.12). Contudo, essa obra divina não anula a cooperação humana responsável (Fp 2.12).

O Espírito Santo atua como agente santificador, separando o crente para Deus (2 Ts 2.13). A promessa de 1 Tessalonicenses 5.24 assegura que aquele que chama é fiel para

“Onde há estudo, nasce a sabedoria; onde há sabedoria, nasce a mudança.”



completar a obra iniciada. A santificação, portanto, é sustentada pela fidelidade divina do início ao fim.

CONSERVADOS IRREPREENSÍVEIS — A ESPERANÇA DA PRESERVAÇÃO DIVINA

A oração paulina em 1 Tessalonicenses 5.23 culmina no pedido para que os crentes sejam “conservados irrepreensíveis” até a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. O verbo grego *têreō* (guardar, preservar, manter sob cuidado) indica uma ação contínua e vigilante da parte de Deus. Não se trata de impecabilidade absoluta, mas de integridade diante de Deus, um estado de vida marcado por fidelidade, arrependimento constante e submissão à graça.

Agostinho, ao tratar da perseverança dos santos, afirmava que “aquele que criou o homem sem ele, não o salvará sem ele” (*De gratia et libero arbitrio*). Essa afirmação não nega a soberania divina, mas destaca a responsabilidade humana no uso dos meios da graça. A preservação é divina; a vigilância é humana. Judas ecoa essa verdade ao declarar que Deus é poderoso para guardar o crente de tropeçar, mas imediatamente exorta os fiéis a se conservarem no amor de Deus (Jd 21,24).

A irrepreensibilidade mencionada por Paulo não é um estado legalista, mas relacional. O crente vive diante de Deus com consciência limpa (At 24.16), não porque nunca falha, mas porque não permanece no pecado. João ensina que “se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo para nos perdoar” (1 Jo 1.9). A santificação perseverante é sustentada por um relacionamento vivo com Cristo, não por performance religiosa.

SANTIFICAÇÃO COMPLETA — ESPÍRITO, ALMA E CORPO

A tríplice menção — espírito, alma e corpo — revela a abrangência da obra santificadora. A santificação bíblica não é parcial nem fragmentada; ela alcança todo o ser humano. O espírito (*pneuma*) refere-se à dimensão relacional com Deus; a alma (*psychē*) envolve mente, emoções e vontade; o corpo (*sōma*) diz respeito à vida prática, ética e moral.

Irineu de Lião enfatizava que a salvação não consiste na libertação da matéria, mas na sua redenção. Para ele, “a carne, formada por Deus, é capaz de receber a vida de Deus” (*Contra as Heresias*, V). Tal visão confronta qualquer espiritualismo que despreze o corpo. Paulo reafirma essa verdade ao declarar que o corpo é templo do Espírito Santo (1 Co 6.19–20).

“Onde há estudo, nasce a sabedoria; onde há sabedoria, nasce a mudança.”



A santificação do espírito manifesta-se na comunhão com Deus (Rm 8.16). A da alma ocorre pela renovação da mente (Rm 12.2). A do corpo se expressa na mortificação das obras da carne (Rm 8.13). John Wesley afirmava que a santificação plena envolve “o amor perfeito que governa todas as potências da alma” (A Plain Account of Christian Perfection). Embora o pentecostalismo clássico não adote a perfeição sem pecado, reconhece o avanço progressivo da graça sobre todas as áreas da vida.

IMPERFEIÇÃO PRESENTE E PROGRESSO REAL — A DINÂMICA DA VIDA CRISTÃ

A Escritura reconhece a tensão entre o “já” e o “ainda não”. Paulo confessa: “Não que já tenha alcançado” (Fp 3.12), mas também afirma que prossegue para o alvo. A santificação é progressiva, marcada por crescimento contínuo, lutas internas e dependência diária da graça.

Calvino descrevia a vida cristã como um “caminho de arrependimento contínuo” (Institutas, III). A imperfeição não justifica a estagnação; ao contrário, impulsiona o crente à busca diligente de Deus. A parábola da videira (Jo 15) ensina que o Pai poda os ramos frutíferos para que produzam ainda mais fruto. A disciplina divina é sinal de filiação, não de rejeição (Hb 12.6).

O progresso espiritual não ocorre por impulsos emocionais, mas por perseverança. A santificação amadurece o caráter, formando em nós o fruto do Espírito (Gl 5.22–23). O crente aprende a caminhar no Espírito, submetendo diariamente suas inclinações carnis à direção divina.

OS MEIOS DA GRAÇA — INSTRUMENTOS DA SANTIFICAÇÃO

Deus opera a santificação por meios ordinários. A Palavra de Deus ocupa lugar central nesse processo. Jesus orou: “Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade” (Jo 17.17). A leitura, a exposição fiel e a meditação bíblica moldam a mente e confrontam o coração.

A oração sustenta a comunhão e fortalece a vigilância espiritual (Mt 26.41). A comunhão da Igreja edifica e preserva (At 2.42). Os sacramentos — compreendidos no contexto pentecostal como ordenanças — apontam para a obra de Cristo e fortalecem a fé. Dietrich Bonhoeffer afirmava que “o cristão precisa do outro cristão que lhe fale a Palavra de Deus” (Vida em Comunhão).

“Onde há estudo, nasce a sabedoria; onde há sabedoria, nasce a mudança.”



O Espírito Santo utiliza esses meios para conformar o crente à imagem de Cristo. Negligenciá-los resulta em enfraquecimento espiritual; perseverar neles produz maturidade.

O SANGUE DE CRISTO — FUNDAMENTO E PODER DA SANTIFICAÇÃO

A santificação está inseparavelmente ligada à obra redentora de Cristo. Hebreus afirma que Jesus sofreu fora da porta “para santificar o povo pelo seu próprio sangue” (Hb 13.12). O sangue de Cristo não apenas perdoa, mas purifica a consciência (Hb 9.14).

Atanásio ensinava que a encarnação e a cruz restauram no homem a imagem de Deus corrompida pelo pecado (De Incarnatione). A santificação flui da cruz; não é uma obra paralela, mas a aplicação contínua da redenção. O crente vive em constante dependência do sacrifício de Cristo, apropriando-se diariamente da graça.

CONCLUSÃO — SANTOS ATÉ O FIM

A santificação cristã caminha em direção ao encontro final com Cristo. “Todo aquele que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo” (1 Jo 3.3). A esperança escatológica não aliena, mas santifica. A Igreja vive entre a cruz e a coroa, entre a redenção consumada e a glorificação futura.

A fidelidade de Deus assegura o desfecho glorioso: “Fiel é o que vos chama, o qual também o fará” (1 Ts 5.24). A santificação culminará na glorificação, quando seremos semelhantes a Ele (Rm 8.30). Até lá, a Igreja persevera, santificada pela verdade, guardada pela graça e sustentada pela esperança.

“Onde há estudo, nasce a sabedoria; onde há sabedoria, nasce a mudança.”



PRÓXIMO TRIMESTRE...

Adquira a obra do **Pastor Emerson Santos**, “**Deus em Três Pessoas**”, um conteúdo sólido, bíblico e profundamente fiel à doutrina cristã histórica. Trata-se de um material cuidadosamente elaborado, que será **excelente subsídio para a próxima lição**, enriquecendo o ensino e fortalecendo a compreensão da Trindade à luz das Escrituras.

Ao adquirir este livro, você não apenas **qualifica ainda mais suas aulas**, mas também **apoia o ministério de um servo de Deus comprometido com a sã doutrina e com a edificação da Igreja**. É um investimento que frutifica tanto no crescimento pessoal quanto no ensino coletivo.

“Onde há estudo, nasce a sabedoria; onde há sabedoria, nasce a mudança.”



PRÉ-LANÇAMENTO E PRÉ-VENDA
DO LIVRO de 06/12 a 20/12

42 998097384

R\$ 24,90
RECEBE O LIVRO AUTÓGRAFO

A Santíssima Trindade é o alicerce inabalável da fé cristã. Nesta obra, o Pr. Emerson Santos explora a essência do Deus Único que subsiste eternamente em três Pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo.

Com uma abordagem bíblica e apologética, o e-book refuta erros como o Unicismo e detalha a perfeita harmonia da salvação: o Pai planeja, o Filho executa e o Espírito aplica.

DEUS EM TRÊS PESSOAS
A REVELAÇÃO DA SANTÍSSIMA TRINDADE E O IMPACTO DA SUA PRESENÇA EM NÓS

 @premersonsantos
 www.youtube.com/@premersonsantos

“Onde há estudo, nasce a sabedoria; onde há sabedoria, nasce a mudança.”